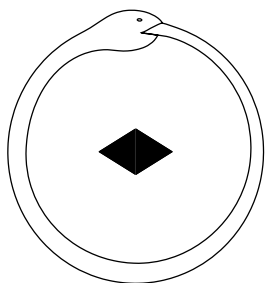


CASA ESCOLA VIVA • MAXAKALI
Mamei Maxakali



cadernos
SELVAGEM



CASA ESCOLA VIVA • MAXAKALI

Mamei Maxakali

O texto deste caderno é a transcrição do depoimento de Mamei Maxakali durante a [residência Casa Escola Viva](#), que aconteceu entre os dias 13 e 24 de outubro de 2025. A residência reuniu artistas das 5 Escolas Vivas no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), localizado às margens da Baía de Guanabara. **Assista ao depoimento em vídeo [aqui](#).**

Com o intuito de animar artistas a dialogarem com o mundo de fora dos territórios, enquanto desenharam, pintaram, experimentaram, trocaram e aprofundaram conhecimentos de suas culturas, Casa Escola Viva foi uma extensão do projeto das Escolas Vivas. Ao final do processo, a residência abriu suas portas para visitação do público. O vídeo [Nossa mão é uma flor](#) mostra um pouco o processo da residência.

A residência foi também um desdobramento da primeira edição da [exposição Viva Viva Escola Viva](#), que aconteceu na Casa Brasil, entre 2 de dezembro de 2023 e 28 de janeiro de 2024. Parte dos trabalhos desenvolvidos durante a imersão Casa Escola Viva integram a [segunda edição da exposição](#), em cartaz entre 10 de junho e 09 de agosto de 2026 no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Mamei é artista da [Escola Viva Maxakali](#). Os **Maxakali** são habitantes ancestrais das florestas que cobriam o nordeste de Minas Gerais e extremo sul da Bahia. São, aproximadamente, 3 mil pessoas que falam a língua **Maxakali**, um dos últimos idiomas nativos da região. A Aldeia Escola Floresta, Escola Viva do povo **Maxakali**, foi criada a partir da retomada de uma propriedade da União, localizada na zona rural de Teófilo Otoni (MG).

Convidamos a conhecer e apoiar o movimento [Escolas Vivas](#) pelo nosso site.





MAMEI MAXAKALI

Nõmha áté Hõnhã áté hãm
ãg tux ax. Yayxex ax. Xi yãmiy
xop kutex yãg muyumug, xiyã
kakxop te yumug. Xi muyog
yayxex ax ak muyim kutuk puka
no yayxex ax. Xi pip punet hok
hamxoma ax xapmax mãm xok
ax tutnãg xi pox xeka namtut
hamxapkup. Nuxop nom te
yumuyog apne kaok gãhã xi ixkot
kaok gãhã Kuxex tu kaok aptep
yog ah kuxex ya yumuyog.

Agora eu vou falar na nossa lín-
gua, nós praticamos sempre nossa
língua. Agora vou falar sobre a nos-
sa pintura do ritual. Nós aprende-
mos os cantos dos rituais, as crian-
ças também conhecem os cantos.
Não temos medo de tinta, pois a
tinta é nossa, e a pintura também.
Nós temos muita coisa: colares, re-
des de pesca e bolsas, lança, arco
e flecha e bodoque. Esses objetos
são aqueles que vão fortalecer nos-
sa aldeia e escola, para ela sempre
ficar viva. E também tem a casa de
ritual. Não é das pessoas não indí-
genas, é nossa.

Hãmhi a ayuhuk yog ah
ya muyog. Mimxokax pet ya
muyog. Kuxap tute yumug xi
nãhã. Hãham ya yumug tut
tu yumug xi naha u kopa pip
hamxopma. Xokxop punet hok
kuxakkuk amaxux xi kukmax
mããγ xapupnãg xi xapup xeé xi
mũnũy nãg xi xexex xi xamĩpa xi
patakak xi paxot. Yũmũ ãte xok
ax hãmhi hãm kup nũy nãg tehet
pu tutuk nũy γãpu yũmũg xi nã
kototũtuk ax nũy tu γĩpa kopxi
yũmã. Ha xaxok hok tonopexot
xop xẽ kãtotxop.

Apne xohi tu káok ãteptup,
hayã hamũn nũnãm ãgtux ãte,
yũmũg γĩy ax anãg ya káok mã.
Kuma mãg, ũmtat tux nũy yũmũg
xi γãmĩyxop kutox. Taptat tux
hok ax puxi tu nãg γãmĩyxop
mũn káok kamã hãhãm nãm
γĩmũ yũmũg moxahã a mai a ãyu
hukxop te kumu a hok ah mĩm
mep pax, mĩmãti xaha hu mõxut
γĩta pukmã hu xokxop kutox
pugãhã γĩpipxok γãmĩyxop pu.

O Hãmhi [Terra Viva], nosso
projeto de reflorestamento, é nos-
so também. O viveiro é nosso, é
o que nós plantamos. A água que
nos alimenta, a fogueira. A terra é
nossa mãe, pois ela nos alimenta.
Dentro da terra tem tudo, tem o
que nos alimenta. Tem argila para
fazer as panelas. Na terra, tem
comida. Tem muita caça: capiva-
ra, anta, tartaruga, jacaré, caititu,
queixada, veado, o jacu e seus pa-
rentes. Quando nós plantamos e
cuidamos, a terra devolve alimen-
tos. Não pode esquecer o Hãmhi,
todo professor tem que lembrar da
nossa cultura.

Quero que todas as aldeias se-
jam fortes. É isso mesmo que es-
tou contando. A nossa língua não
acaba, somos muito fortes. Se você
quer aprender nossa língua e nos-
sos cantos, procura saber. Se você
não procurar saber nossos cantos,
eles vão acabar, mas nossa língua
não acaba. Nosso ritual é forte. A
terra de onde nós saímos, o não
indígena estragou tudo. Ele tirou
todas as madeiras e acabou com a
floresta. Ele queimou a mata e vai
queimando os filhotes dos animais.
Por isso não tem mais animais para
os rituais.

Puyĩy mũyõg nõkaxĩyhok
mĩmãti Āyuhuk xop, mĩmãti yāg
mũg xape xi hāhām yāg mũg papa
Āyuhuk xop te yāy kux nõã pax
yā ha mũn nũ nĩm āgtux nũhũ
āte puxi ũkux.

O não indígena não pode fazer
isso com a nossa mata. A mata é
nossa parente, e a terra é nossa
mãe. Mas o não indígena está ma-
chucando nossa floresta e terra.
É isso aqui que estou contando.
Pronto, acabou.

É isso!

Mõgmõka tap ompemi
axuphã moh

[canto]

O gavião preto ficou voando alto e
foi embora

Sem título,
Mamei Maxakali



Mamei Maxakali (1980, Água Boa, Terra Indígena *Maxakali* – MG) é pajé, artista e professor. Vive e trabalha na comunidade Aldeia-Escola-Floresta, onde cuida de um dos *kuxex* (casa de ritual) e colabora com o projeto de reflorestamento dos territórios *Maxakali*, o *Hãmhi* Terra Viva. Mamei destaca-se por sua dedicação à luta pela ampliação das terras de seu povo e pelo fortalecimento dos conhecimentos tradicionais, especialmente os rituais de iniciação dos meninos *Maxakali* e os rituais de cura realizados com os *Yãmĩyxor* (povos-espírito da Mata Atlântica). Recentemente tem ampliado suas práticas artísticas dos cantos e das pinturas corporais, produzindo também telas e desenhos.

FOTOS

Capa e páginas 2 e 3 - Caleidoskópica / Elea Mercurio

Página 5 - Ricardo Miyada

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO MAXAKALI

Isael Maxakali

Mamei Maxakali

Sueli Maxakali

ISAEI MAXAKALI

Isael Maxakali nasceu em 1978, na aldeia de Água Boa, em Minas Gerais, onde cresceu ouvindo e aprendendo os cantos e histórias dos espíritos *Yãmĩyxor*. Hoje vive na aldeia de Ladainha, em Minas Gerais. Em 1993, casou-se com Sueli Maxakali, sua companheira de vida e trabalho. Na virada do século, ele assumiu a *kuxex*, casa dos cantos, tornando-se uma jovem liderança do seu povo. Foi indicado como professor pelas lideranças locais, aproximou-se do universo não indígena e começou a participar de atividades ligadas à Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG), em Belo Horizonte. Graduou-se no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na UFMG. Movido pelo desejo de mostrar a cultura *Maxakali*, iniciou seu percurso pelo cinema. Hoje é um dos principais diretores indígenas em atuação no Brasil, desenvolvendo uma obra constituída por filmes-rituais, documentários e animações. O cinema de Isael é indissociável de sua trajetória como liderança política, professor, pesquisador, desenhista, tradutor, aprendiz de pajé e cantor, conhecedor de parte do vasto repertório mantido e recriado pelos *Maxakali*. Em 2020, recebeu o prêmio Carlos Reichenbach de Melhor Longa-Metragem da 23ª Mostra de Cinema de Tiradentes com o filme *Yãmĩyhex: as mulheres-espírito* (2019), dirigido com Sueli Maxakali. Recebeu também o Prêmio PIPA online, uma das principais premiações de arte contemporânea do Brasil. Atualmente sonha com a aquisição da terra para onde se transferiu com mais de 100 famílias *Maxakali*, para a criação do seu projeto Aldeia Escola Floresta.

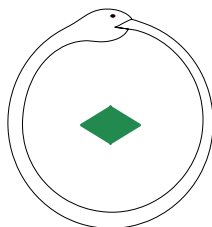
SUELI MAXAKALI

Sueli Maxakali nasceu em 1976, no município de Santa Helena de Minas, e é uma liderança do povo *Maxakali*, povo indígena originário de uma região compreendida entre os atuais estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Forçados a se deslocar de suas terras ancestrais para resistir a diversas agressões que se acumulam há séculos e que chegaram a deixá-los em risco de extinção nos anos 1940, os *Tikmũũn*, como se autodenominam, mantêm vivas sua língua e sua cultura. Hoje, estão divididos em comunidades distribuídas pelo Vale do Mucuri, em Minas Gerais. Além de liderança, educadora e fotógrafa, Sueli é também realizadora audiovisual. Com Isael Maxakali, ela tem produzido alguns dos filmes mais emblemáticos da produção da arte indígena contemporânea, no sentido de registrar e difundir rituais e tradições ancestrais, ao mesmo tempo transcendendo, com sua poesia, o engajamento na luta pelos direitos dos povos originários. Na 34ª Bienal, a artista apresentou a instalação *Kumxor koxuk yõg* (Os espíritos das minhas filhas), um conjunto de objetos, máscaras e vestidos que remetem ao universo mítico das *Yãmĩyhex*, as mulheres-espírito.



RESIDÊNCIA CASA ESCOLA VIVA
MAM Rio, outubro de 2025

Realização



SELVAGEM

Parceria



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro



INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Apoio



AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL

*Liberté
Égalité
Fraternité*

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!